ENTRE ARQUIVOS, AUTORIDADES E BILHETES: Experimentos sobre balé

BETWEEN FILES, AUTHORITIES, AND TICKETS: Ballet experiments

Rousejanny da Silva Ferreira

rousedance.ferreira@gmail.com

Instituto Federal de Goiás

Resumo:

O processo-ensaio em questão apresenta a construção e desenlace de uma pesquisa performática que tem os arquivos como ponto chave para discutir o imaginário do balé e da história de três autointituladas mentoras desta dança na cidade de Goiânia-Goiás. Parto da inquietação das coreopolíticas de André Lepecki (2012) e sua discussão sobre políticas de chão para a dança, com suas lisuras e possíveis rachamentos. Utilizando como caminho as experiências sensoriais como a escuta de depoimentos e imagens destas mentoras e suas compreensões sobre dança e seus poderes, discuto a experiência que desencadeou na elaboração de bilhetes de direcionados ao balé, como instituição e instância simbólica que permeia nosso tempo.

Palavras-chaves: Balé, Arquivo, Bilhete.

Abstract:

The rehearsal process in question presents the construction and outcome of a performative research that has the archives as a key point to discuss the imaginary of ballet and the history of three self-titled mentors of this dance in the city of Goiânia-Goiás. I start from the concern of André Lepecki's choreopoliticians (2012) and his discussion of dance floor policies, with their smoothness and possible cracking. Using as a way the sensory experiences such as listening to testimonies and images of these mentors and their understandings about dance and their powers, I discuss the experience that triggered the elaboration of ballet-directed tickets, as an institution and symbolic instance that permeates our time.

Keywords: Ballet, Archive, Ticket.

Pensar caminhos para a pesquisa arquivística em dança tem sido uma prática instigante e muito complexa, já que desvela uma série de entremeios sobre o quê, quem e como arquivar genealogias artísticas e seus desdobramentos. Com o interesse primeiro de me debruçar sobre a potência de uma investigação artística a partir de arquivos pessoais (fotos, material de imprensa e vídeo) de três importantes mulheres para a cena do balé na cidade de Goiânia e o caminho que cada uma elegeu para falar de si, este ensaio apresenta o ponto de partida e os caminhos percorridos até o presente momento para a feitura de uma pesquisa performática que gere reflexões urgentes para a dança.

Para pensar maneiras de performar os arquivos em questão, faço uso de elementos como *podcasts* de entrevistas dessas mulheres, análise de suas imagens nos arquivos cedidos, a metáfora dos papéis amassados como analogia ao chão da dança e à prática de “deixar recados” como jogo gerador de reflexão das camadas do balé. Esta experiência performática de pesquisa foi idealizada e desenvolvida ao longo da residência *Performar Arquivos* (2018)¹, na cidade de Goiânia, sob a direção da pesquisadora Flávia Meireles. Em quase quatro meses de encontro e três fases de processo, sete pesquisadores tinham a tarefa de expor/compartilhar o viés que lhes interessava como ponto de pesquisa para um determinado arquivo de dança e, a partir daí, desenvolver estratégias que pudessem atravessar o corpo, o imaginário, o sensorial, entre outros. Meu lugar de interesse há um bom tempo tem sido o balé e suas tramas histórico-políticas e por aí segue meu traçado.

Em primeira pessoa: revisitando as beiradas

Como ponto inicial desse projeto, dediquei-me a releitura atenta de fotografias, recortes de jornal, vídeos e depoimentos por mim coletados para um projeto videodocumental² de balé na cidade de Goiânia, que levou o nome de *Pelas Beiras*³ (2016). Para participar da gravação do vídeo, convidei três mulheres bastante influentes e atuantes de longa data na cena balética goianiense: Gisela Vaz, Simone Malta e Tassiana Staciariinni. Na ocasião, foi solicitado que elas falassem um pouco sobre a perspectiva que cada uma tinha a respeito de sua própria trajetória, das transformações do balé numa cena local e nacional e os paradigmas que o balé tem estabelecido e/ou escapado nas últimas décadas. Junto a isso, cada convidada me entregou uma

¹ O projeto "Performar Arquivos - edição Goiânia" reuniu pesquisadores em Dança de Goiás, Rio de Janeiro, São Paulo e Acre com os objetivos de: promover a troca de experiências, reflexão e produção crítica acerca da dança em seus processos de arquivamento (catalogação, indexação, tipos de registros dos trabalhos artísticos: fotos, vídeos, etc.); aproximar pesquisadoras, pesquisadores e coletivos de quatro Estados (GO, RJ, AC e SP), a fim de discutir e pensar questões locais da dança na cidade de Goiânia e ampliar o diálogo sobre a questão dos corpos com deficiência.

² Todos os vídeos estão disponibilizados na íntegra no canal do projeto:
<https://www.youtube.com/channel/UCUbDhvplKy8wqIFx091iFxx>

³ O projeto *Pelas Beiras*, realizado com o incentivo do Prêmio Funarte Klauss Vianna de Dança (2015), teve como propositores Rousejanny Ferreira, Dayana Gomes e Michael Silva. *Pelas Beiras* propôs discussões e promoções de experiências que traçavam perspectivas históricas e construções estéticas de danças que, pela percepção dos propositores, estão à margem de um debate mais aprofundado na cidade de Goiânia perdendo espaços de produção e/ou mudando radicalmente sua forma de compreensão e feitura na cidade. As danças enfatizadas na ocasião eram: o balé, o *jazz dance* e as danças negras.

coletânea de arquivos pessoais (fotos, vídeos e outros) para incorporar à edição final do vídeo. Gravação feita, imagens selecionadas, edição minuciosa, exibição e publicação do vídeo nas redes. Projeto cumprido. Só quem trabalha com projetos dessa natureza, com prazos apertados a cumprir e todos os percalços que atravessam o caminho, compreende o quanto é delirante ter que engolir e parir um material desejado *a priori* em um simples projeto.

O exercício de rever

Passam-se dois anos e com o *Performar Arquivos* vem a oportunidade de olhar para trás com mais tranquilidade e observar os traços que foram se formando desde o convite à gravação do vídeo do *Pelas Beiras* até a sua efetivação. Desse processo, trago como disparador inicial da pesquisa a maneira como cada uma dessas mulheres selecionou seus arquivos pessoais (fotos, reportagens, vídeos) para socialização da sua imagem e história num vídeo de ampla distribuição pública e gratuita e trechos de áudio de cada entrevista. Curioso foi notar como cada uma delas traçou uma escolha de arquivos pessoais bastante distinta: a) imagem de si divulgada na imprensa; b) imagem recentes e sempre em companhia de alunos que lograram uma carreira de sucesso na dança (por mais que haja um passado anterior como bailarina e aluna de academias) e c) imagem de um passado artístico em grandes companhias que não se atualiza (mesmo se tratando de uma agente promotora de ações artísticas e pedagógicas na cena local da dança).

O exercício de partilhar e receber

A segunda fase do *Performar Arquivos* veio como um espaço de experimentação e partilha com os pares para perceber de que maneira algumas questões expostas naqueles arquivos alimentavam uma discussão mais ampla e dava a ver elementos que contribuíssem para o Tateamento dos rumos que cada um pretendia percorrer a partir daquele encontro. Com esse fim, elaborei quatro exercícios de partilha, que também estão descritos e documentados no vídeo do projeto⁴. São eles:

- 1) **Podcast.** Recortes em áudio da gravação original do documentário [*Danças Daqui*] – projeto *Pelas Beiras*, sem identificar a autora das falas. O intuito era perceber como aquelas falas ascendiam pontos para a discussão sobre a ideia de balé, suas fissuras, *modus*

⁴ Rousejanny Ferreira – Performar Arquivos: <https://www.youtube.com/watch?v=g00iC2isivM&t=165s>

operandi, mercado e como cada uma via seu próprio lugar na constituição da dança goianiense. Ao todo, foram 17 podcasts que tinham entre 17 segundos e 1 minuto organizados de modo aleatório.

Fotografia 1 - Nico Gualtieri
Fonte: Performar Arquivos

- 2) **Autoimagem.** Experiência visual de um emaranhado de imagens impressas em tamanho A3 que foram cedidas pelas três entrevistadas. Com isso, fiz um breve relato da atuação profissional de cada uma e como isso faz parte de uma trama que também define o modo como cada uma escolheu, preservou, socializou e entregou suas imagens ao projeto. O objetivo dessa estratégia foi trazer à discussão a ideia de um reconhecimento que cada uma projeta de si mesma em recortes temporais e sociais muito bem definidos: a) a bailarina do passado; b) a professora de sucesso e c) a empreendedora que ganha as páginas do jornal impresso local. Imagens que foram coladas entre si de modo não linear trançando as três histórias-arquivos. Uma espécie de registro torto.

Fotografia 2 - Nico Gualtieri
Fonte: Performar Arquivos

- 3) **Transborde.** O que isso gera? Proposição de um espaço de diálogo entre os pesquisadores motivado pelas experiências 1 e 2. Na mesa de partilha, uma série de papéis amassados com algumas imagens e palavras que me soaram importantes ao formular a pesquisa: cânone, instituição, fantasmas, poder, guardiã, dentre outras que sinalizavam meu desejo por uma leitura não linear, escorregadia e errante para as narrativas dos sujeitos e processos do balé. Os papéis amassados vieram como uma metáfora ao chão rachado discutido por André Lepecki (2011) e reclamavam por uma discussão de dança que reconhecesse o tropeço, a instabilidade e as potências em discutir arranjos políticos e policiamentos a qual ela é submetida.

Fotografia 3: Javier Ramirez
Fonte: Arquivo pessoal

- 4) **Peço um bilhete.** Proposta de escrita de bilhetes anônimos, a mim endereçados, em folhas de papel extremamente amassadas persistindo o esforço de uma análise desestabilizadora do objeto. Como imprimir algo em um território instável?

O exercício de afetar-se

Esse conjunto de experiências fez surgir minha proposta textual final do projeto *Performar Arquivos* e que também enlaça este ensaio. Pensando em todas as camadas desse processo, achei que seria prudente que eu fechasse a pesquisa com os meus bilhetes para o balé. São bilhetes sem um destinatário definido, mas quando os escrevo penso nos vários rastros que atravessaram esse percurso performativo do arquivo. Ao escrevê-los, penso nas faíscas necessárias para a atenção às políticas canônicas e institucionais que regem a sua fórmula, assim como um imaginário fantasmagórico da ideia de preservação de sentidos que ainda se dão nas subjetividades do presente. Como um bilhete qualquer e sem um compromisso teórico-acadêmico, eles podem ser ignorados, rabiscados, cumpridos, guardados ou esquecidos por tempo indeterminado. Performando minhas inquietações, apresento-me abaixo da seguinte maneira:

Olá,

Apesar de publicada na internet, esta escrita foi criada no formato de pequenas cartas, lembretes deixados à vista para que alguém – caso queira – possa colaborar ou se sensibilizar na efetivação das tarefas descritas. Sim, são pequenos lembretes em papel... algo bem *démodé*, assim como o balé tratado aqui e todo o *modus operandi* que o alimenta. Só tem uma questão: os bilhetes já estão amassados, quiçá, um pouco antigos... creio que tenham ficado em alguma gaveta, caducado na porta da geladeira, em caixas de antigas lembranças ou, quem sabe, simplesmente amassados e jogados num canto qualquer.

Sem delongas, sigo para os bilhetes. Sintam-se à vontade para também amassar, rasgar, remendar, rabiscar onde e o que quiser.

1) Cercada de willis, aqui estou

Não consigo acompanhar a veloz produção de livros, séries e filmes sobre zumbis. Na verdade, a primeira figura que me vem em mente quando se fala em zumbis são as *willis* do balé Giselle (1840). Mulheres fantasmagóricas que vagam em busca de justiça, de vingança pelo sofrimento que lhes foi causado e a renegação de um futuro que poderia acontecer. Elas não aceitam a própria morte. Como vingança, as *willis* têm como principal artifício provocar o oponente a dançar por toda noite sombria, até que morra por exaustão.

Invoco as *willis* (zumbis) porque suspeito que estamos sendo vigiados. Sinto que alguém nos observa, mas ainda estou juntando as pistas para compartilhar informações mais precisas. Por enquanto, peço que fiquem atentos, pois fenômenos dessa natureza aparecem de forma repentina, principalmente quando se requer a autoridade do movimento ou ousam-se traços inventivos que desviem ou contrariem a linha canônica. Outrora, ouço sussurros que dizem: “aqui estou e aqui quero permanecer” que partem das instituições mais distintas. Porém, as vozes não são claras o suficiente a respeito do que querem e para quê requisitam a relevância de permanecer aqui.

Sempre passo por esta rota, afinal, este espaço tem o tráfego intenso e muitos querem pertencer a ele mas, dessa vez, não posso me delongar por aqui. Para quem fica ou estiver de passagem, só sugiro o estado de alerta: *willis* costumam despertar quando o chão da dança se estremece com confabulações que desnorteiam a lógica meritocrática, centralizadora e por vezes, messiânica.

Fiquemos alertas!

2) Remexendo baús

Antes de partir, remexi teus baús em busca de elementos para montar meu quebra-cabeça sobre um possível entendimento do balé nessa cidade. Imersa em tanta coisa, uma me saltou aos olhos: a maneira como organizastes e selecionastes teus arquivos pessoais para que pudessem ser publicizados. Ou seja, a maneira como você se vê e gostaria de ser vista pelo grande público. Afinal, quando temos esse controle, como queremos ser vistos? Ou ainda, que espaço de legitimação é alçado? Creio que não tenha havido oportunidade de comentar contigo, mas a forma como disponibilizastes teu arquivo revelou muito da tua relação e querência de balé e de dança. Arquivo vivo, arquivo torto, arquivo aberto, arquivo incompleto, arquivo manipulado.

Vi no poder de seleção do arquivo uma engrenagem oligárquica que paira pelos afetos e desejos deste modo de construir dança. É como se cada arquivo pessoal representasse, a seu modo, aspectos muito peculiares de um processo de dominação e eurocentramento que emerge nas bordas e setas de cada papel.

Desculpe, mas os baús ainda continuarão revirados, pois preciso cavucar um pouco mais. Assim como uma boa variação de balé de repertório, é necessário tempo para maturar e refinar os detalhes dos arquivos.

Nos vemos em breve!

3) Por um triz, se permanece de pé

Quando sair, não precisa se preocupar em fechar a porta ou tentar ajustar o piso. Desta vez, acho que podemos abrir mão dos remendos e apostar no acaso, já que pequenos reparos não têm resolvido os grandes problemas dessa construção de dança. Esse chão (balé) ficou tão limpo e aparelhado que há tempos está difícil de pisar. Difícil porque o chão ficou fragilizado, instável e parece que a cada esboço de movimento e palavra uma fissura se abre e mais camadas extremamente complexas aparecem. A insistência na lisura acabou desencadeando uma série de rachaduras que não sabemos mais como enfrentar, já que o equilíbrio e o centramento sempre foram fortalezas muito seguras para o movimento.

E agora, como permanecer em dança com o chão coberto por rachaduras? Se não encontrarmos o caminho, tenho duas hipóteses: ou seremos engolidos por grandes crateras ou encontraremos escapes muito geniais. Pessoalmente, torço pela segunda opção.

P.S.: Estratégias para construir uma nova ética do movimento.

A porta aberta e o chão por arrumar.

Até!

Referências

ARTIÈRES, Philippe. **Arquivar a Própria Vida**. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/cultgen/arquivar_a_propria_vida.pdf. Acesso em: 05/04/2018.

FERREIRA, Rousejanny. **Entre centros e bordas: binóculos para observar o balé**. Disponível em: <https://projetopelasbeiras.wixsite.com/pelasbeiras/single-post/2017/01/25/ENTRE-CENTROS-E-BORDAS-BIN%C3%93CULOS-PARA-OBSERVAR-O-BAL%C3%89>. Acesso em: 01/04/2018.

LEPECKI, André. **Coreopolítica e coreopolícia**. In: Revista ILHA (UFSC) v. 13, n. 1, p. 41-60, jan./jun. (2011) 2012.

_____. **Coreo-Política, Coreo-Polícia**. Disponível em: [youtube.com/watch?v=RiwE8K3vhxM](https://www.youtube.com/watch?v=RiwE8K3vhxM). Acesso em: 10/02/2015.

Artigo submetido em 29/07/2019, e aceito em 15/10/2019.